



**BIANCA CONCEIÇÃO TORRES**

**O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ABORDAGEM SINDRÔMICA DA CANDIDÍASE  
VULVOVAGINAL RECORRENTE**

**Conceição do Coité-BA  
2022**

**BIANCA CONCEIÇÃO TORRES**

**O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ABORDAGEM SINDRÔMICA DA CANDIDÍASE  
VULVOVGINAL RECORRENTE**

Artigo apresentado a Faculdade da Região  
Sisaleira como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Livia Carine Rodrigues  
de Souza

**Conceição do Coité-BA  
2022**

**Ficha Catalográfica elaborada por:  
Joselia Grácia de Cerqueira Souza – CRB-Ba. 1837**

**T693p** Torres, Bianca Conceição

O papel do enfermeiro na abordagem sindrômica da candidíase vulvovaginal recorrente.- Conceição do Coité (Ba.), FARESI, 2022.

9 f.

Referências: f. 8 -9

Artigo apresentado a Faculdade da Região Sisaleira como requisito para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Livia Carine Rodrigues de Souza

1. Candidíase. 2. Candidíase vulvovaginal (CVV).  
3. Enfermeiro. I. Título.

**CDD: 616.9693075**

## O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ABORDAGEM SINDRÔMICA DA CANDIDÍASE VULVOVAGINAL RECORRENTE

Bianca Conceição Torres<sup>1</sup>

Livia Carine Rodrigues<sup>2</sup>

### Resumo

A candidíase vulvovaginal (CVV) é um processo infeccioso do trato genitourinário inferior feminino causada pelo fungo *Cândida*. No Brasil, é o segundo diagnóstico mais comum em ginecologia e tem gerado preocupação dos profissionais da saúde devido ao crescente número de casos recorrentes, caracterizando-se clinicamente pela ocorrência de prurido vulvar intenso, disúria, edema e eritema vulvovaginal. A pesquisa foi realizada através de bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico, Pubmed. Como critérios de inclusão, foram utilizadas as publicações disponíveis online na íntegra, publicados entre o período de 2007 a 2019. Após a análise do conteúdo entende-se a importância do papel do enfermeiro em uma assistência humanizada e continuada, orientando sobre doenças, principalmente sobre candidíase. É de profunda importância para a mulher o incentivo para a realização do exame Papanicolau anualmente, assim prevenindo qualquer inflamação ou doença.

**Palavras Chave:** Candidíase. Candidíase vulvovaginal (CVV). Enfermeiro.

### Abstratc

Vulvovaginal candidiasis (VVC) is an infectious process of the female lower genitourinary tract caused by the *Candida* fungus. In Brazil, it is the second most common diagnosis in gynecology and has generated concern among health professionals due to the increasing number of recurrent cases, characterized clinically by the occurrence of intense vulvar itching, dysuria, edema and vulvovaginal erythema. The research was conducted through databases of Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google Scholar, Pubmed. As inclusion criteria, we used the publications available online in full, published between the period 2007 to 2019. After the content analysis it is understood the importance of the role of nurses in a humanized and continued assistance, guiding about diseases, especially about candidiasis. It is of profound importance for women to be encouraged to perform the Pap smear annually, thus preventing any inflammation or disease.

**Keywords:** Candidiasis. Vulvovaginal candidiasis (VVC). Nurse.

---

<sup>1</sup> Bacharelada do curso de Enfermagem (FARESI).

<sup>2</sup> Professora orientadora.

## 1 INTRODUÇÃO

A candidíase vulvovaginal (CVV) é um processo infeccioso do trato geniturinário inferior feminino causada pelo fungo *Candida*. No Brasil, é o segundo diagnóstico mais comum em ginecologia e tem gerado preocupação devido ao crescente número de casos recorrentes. A dificuldade no avanço terapêutico, aponta para a importância do desenvolvimento de estudos que abordem as atuais terapias utilizadas para esta infecção e suas limitações, atentando os profissionais da área a desenvolver a visão crítica acerca do tema e buscar modificações no manejo clínico (ALVARES et al. 2007).

Como descrito na Lei n.º 7.498 de 25 de julho de 1986, no qual dispõe sobre a regulamentação do exercício de enfermagem, cabe ao enfermeiro, realizar a consulta de enfermagem nas redes de atenção básica (RAS), sendo assim, a consulta ginecológica adotada em unidades básicas de saúde (UBS) tem um papel importante no acompanhamento de mulheres portadoras de candidíase vulvovaginal para efeito de um diagnóstico precoce e preciso (BOATTO et al., 2016).

Nesse ponto é relevante a percepção em sua conduta bem elaborada e bem realizada que são fatores primordiais no diagnóstico desta patologia e também na eficácia do seu tratamento. Ao realizarmos o exame clínico na consulta de enfermagem podemos identificar um número crescente de queixas e sintomas de vulvovaginites, dentre elas, a candidíase vulvovaginal (HOYER; COTA, 2016).

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar os fatores de riscos, diagnóstico e tratamento da infecção e o papel do enfermeiro na abordagem clínica, realizando um levantamento bibliográfico para ampliar os conhecimentos sobre CVV e CVVR (candidíase vulvovaginal recorrente) para os trabalhadores da área da saúde e pela população em geral, como ferramenta acessível e objetiva a fim de contribuir para um melhor aprendizado sobre a doença.

## 2 MATERIAIS E METODOS/METODOLOGIA

O presente artigo baseou-se em uma revisão bibliográfica, descritiva, que teve como fonte de pesquisa a filtragem nos sites de busca Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico, Pubmed, e para a escolha das fontes de pesquisa. Foram utilizados, para realização deste trabalho os seguintes descritores:

Candidíase, *Cândida albicans*, Candidíase vulvovaginal, Papel do enfermeiro, sendo os critérios de inclusão dos artigos aqueles que foram publicados no período de 2007 a 2019, relacionados às palavras-chave. Os critérios de exclusão foram artigos que não estavam disponíveis na íntegra e sem concordância com a temática de estudo. Ao final do levantamento bibliográfico, foram efetivamente utilizados 14 artigos, selecionados conforme a qualidade e relevância com o tema proposto.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 CANDIDÍASE VULVOVAGINAL RECORRENTE**

A candidíase de repetição, conhecida também como recorrente é definida usualmente como a ocorrência de quatro ou mais episódios em um período curto de um ano. Causada pelo fungo da *Cândida Albicans*, é um processo inflamatório e infeccioso que acontece quando há um desequilíbrio do PH da flora vaginal. Entre as vulvovaginites, a candidíase vulvovaginal (CVV) é a segunda mais frequente. É causada por um único agente, porém o mecanismo de transformação da colonização em infecção é multifatorial. A interpretação errônea no diagnóstico leva a um número significativo de mulheres classificadas como portadoras de infecção vaginal de repetição e tratadas contra uma suposta patologia que, na realidade, não estava associada ao agente suspeito (ALVARES et al., 2007)

O gênero *cândida* é constituído por mais de 200 espécies de leveduras existentes em diferentes nichos corporais, tais como: orofaringe, dobras da pele, cavidade bucal e vagina, sendo que 10% estão associadas às infecções. Entretanto, quando há um desequilíbrio da microbiota ou o sistema imune do hospedeiro encontra-se comprometido, as leveduras tendem a manifestar-se de forma agressiva, tornando-a patogênica. Quanto a origem, pode ser endógena, quando natural da microbiota ou exógena, quando transmitida através do ato sexual. (ALVARES et al., 2007)

A transmissão exógena pode ocorrer por meio de contato com mucosas e secreções em pele infectada, contato sexual, água contaminada e transmissão vertical durante o parto normal. A principal fonte de leveduras vaginais é o trato gastrointestinal, pois elas são disseminadas para a vagina por auto inoculação, onde se adaptam e se ampliam. (SOARES et al., 2019)

A CVV é considerada uma das mais frequentes, sendo estimada em 70% a 90% dos casos, acometendo 75% das mulheres em alguma fase da vida. A taxa de reaparecimento é de 40 a 50% e aproximadamente de 5 a 8% desenvolvem um quadro mais grave: a candidíase vulvovaginal recorrente (CVVR). (FEUERSCHUETTE, 2012).

Na (CVVR), o processo inflamatório da vulva e da vagina, é subsequente de infecção secundária, causada por fungos do gênero *Candida*. A espécie *Candida albicans* é o principal agente etiológico responsável pela maioria dos casos. A candidíase pode acometer, muco cutânea ou visceral, causada por leveduras podendo a lesão ser branda, aguda, superficial ou profunda, e de aspecto clínico bem variável. A candidíase muco cutânea agride a cavidade oral e o canal vaginal, sendo a forma mais comum nas mulheres. (SOARES et al., 2019)

Os sintomas relacionados à candidíase vulvovaginal têm sido investigados como fatores de risco para o aparecimento desta enfermidade recorrente, entretanto, acredita-se que esta forma da doença esteja relacionada a uma depressão da resposta imune, o que permitirá predisposição para a infecção. Pelo fato de ser encontrada alta ocorrência no gênero feminino com defesa celular comprometida, como mulheres em uso de corticoides, pacientes transplantados ou portadores do vírus HIV, supõe-se que a falta de proteção celular específica contra este fungo está envolvida na suscetibilidade à candidíase vulvovaginal recorrente (ALVARES et al., 2007).

A CVV caracteriza-se clinicamente pela ocorrência de prurido vulvar intenso, disúria, edema e eritema, sendo o prurido o sintoma mais importante quando comparado a vulvovaginites de outras etiologias. Há também a presença de corrimento vaginal branco, espesso e inodoro e eventualmente podem surgir pontos brancos-amarelados nas paredes vaginal e do colo uterino. (LEAL et al., 2016; SCHELBER et al., 2017).

Uma das principais causas que levam as pacientes na procura da atenção primária são as queixas de corrimentos vaginais recorrentes, por sua grande maioria causadas por vaginites, porém o diagnóstico da candidíase vulvovaginal se dá também através do exame especular. (OLESEN, 2019).

Os microrganismos tem probabilidade de se multiplicar em ambientes quentes e úmidos. As causas mais comuns relacionadas ao aparecimento dessa doença são: uso de roupas apertadas com tecidos sintéticos a longo prazo, roupas íntimas

molhadas ou úmidas, tratamento prolongado com antibiótico, alimentação rica em carboidrato e a prática do uso de absorvente interno. Entre esses fatores de risco mais comuns existem a alteração hormonal pelo uso de anticoncepcional, terapia de reposição hormonal, durante o período gestacional ou quando a mulher estiver próximo do seu período menstrual, ressaltando que o uso excessivo do sabonete íntimo também pode desencadear a candidíase, porque ocorre a alteração no PH vaginal. (ALVARES et al., 2007)

Estuda-se, ainda, que hábitos higiênicos inadequados podem ser fatores predisponentes para a contaminação vaginal, dentre eles a higiene anal realizada no sentido do ânus para a vagina, levando resíduos de fezes para as roupas íntimas, favorecendo o desenvolvimento da CVV. (HOLANDA et al., 2007)

Os medicamentos mais utilizados para o tratamento são os agentes da classe imidazólicos e triazólicos, entre eles podemos citar o fluconazol, miconazol, clotrimazole cetoconazol, os agentes poliênicos como a nistatina e algumas formulações contendo antofericina B, todavia não existe aceitação em relação à superioridade de um ou de outro devido às dificuldades nos testes de suscetibilidade in vitro (LEAL et al., 2016; SCHELBER et al., 2017). Ao longo do tempo vem-se utilizando terapias naturais para o tratamento da cândida albicans, como a cúrcuma, boldina, mangífera, que já apresentam estudos farmacológicos eficazes.

Existe uma nova terapia alternativa sendo estudada para o tratamento de cândida albicans que é conhecida como terapia fotodinâmica (TFD) consistindo no uso de um fotossensibilizador que, ativado por uma luz gera a formação de espécies reativas de oxigênio e provocam a morte de microrganismos por dano oxidativo. Esta possibilidade vem sendo considerada uma forma alternativa útil, pois não lesa significativamente as células humanas (LEAL, 2016; SENA. et al., 2013).

### 3.2 O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ABORDAGEM SINDRÔMICA DA CANDIDÍASE VULVOVAGINAL RECORRENTE

A avaliação da candidíase requer a visualização detalhada da secreção vaginal, como um todo e do colo do útero, coletando e avaliando a amostra da secreção e observando se de fato se trata de uma infecção apenas por um tipo de microrganismo. A visualização do colo do útero através do Papanicolau é importante para identificar

outras IST como o carcinoma devido ao corrimento vaginal anormal (PRAMANICK et al., 2019).

O exame físico e o Papanicolau são um dos métodos mais divulgados no mundo, por se tratar de uma técnica de baixo custo e fácil de realizar em diversos locais, além de ser um procedimento privativo do enfermeiro na rede de saúde primária. Também uma de suas vantagens é que esse método não é invasivo e agressivo não ocorrendo agressões ao tecido vaginal (HARDER et al., 2018).

O teste do Papanicolau caracteriza e identifica o HPV, mas através da técnica é possível observar através de microscópio as alterações celulares acometidas pelo vírus, denominando esse feito de “screening”, podendo obter informações sobre as possíveis complicações que acarretam as lesões intraepiteliais ou até mesmo um câncer invasor (MARRA; LIN; CLIFFORD, 2018).

Nesse sentido, além de exames clínicos, que seja elaborado o histórico da vida da paciente, para determinar meios de prevenção e combate as infecções vulvovaginais. O enfermeiro precisa ter conhecimento sobre o ciclo menstrual da paciente, histórico de relações sexuais, os cuidados com a higiene pessoal, condições sócio econômica, hereditariedade e fatores proporcionais ao estado da imunidade da paciente, para determinar a avaliação do estado clínico e melhoria da qualidade de vida. (HOYER; COTA, 2016).

A identificação também pode ser demonstrada através de análises físico-químicas em relação ao corrimento vaginal, tratando-se de um método de baixo custo na utilização de um papel de pH Whatman, se a vagina produz um pH menor que quatro e meio pode diferenciar a candidíase de outras doenças como a vaginose bacteriana ou tricomoníase que elevam o pH (PRAMANICK et al., 2019).

A flora vaginal é outro fator importante. A flora normal é constituída principalmente de bactérias gram positivas, basicamente os lactobacilos de diversas espécies, sobretudo os acidófilos, mas pode conter grande variedade de bactérias gram positivas e negativas, aeróbias e anaeróbias, cujo, pode haver um desequilíbrio por alterações no meio ambiente vaginal induzida por alterações do próprio epitélio da vagina (DUARTE; FARIS; MARTINS, 2019).

O enfermeiro como integrante da equipe de saúde, e responsável pelo cuidado integral, deve estabelecer uma visão holística acerca deste tema, atentando-se para a complexidade desta infecção, os fatores predisponentes envolvidos e sua dificuldade diagnóstica (HARDER et al., 2018).

Conclui-se que os conhecimentos da equipe de enfermagem necessitam-se melhorar com capacitações aos profissionais que atuam nos procedimentos diários com os pacientes, além de realizar o trabalho técnico que já está na rotina profissional. Se faz necessário ainda, uma maior atenção na observação e na melhoria em certos hábitos higiênicos femininos e na prática constante de procurar um auxílio profissional sempre que a mulher seja acometida por sinais e sintomas indesejáveis que possam comprometer sua saúde e seu bem-estar. (MEDEIROS et al., 2016).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que, a CVVR não é uma doença letal, no entanto, os sinais e sintomas causados, geralmente estão associados a uma morbidade significativa. Por isso, as mulheres com episódios recorrentes devem procurar atendimento para que seja realizada a identificação do agente etiológico, antes de iniciar o tratamento, a fim de evitar a resistência desses microrganismos, apesar dos avanços terapêuticos farmacológicos e não farmacológicos, não existem tratamentos completamente eficazes, precisando também de maiores intervenções educacionais, em especial pelo profissional enfermeiro para que a mulher tenha o tratamento efetivo. O enfermeiro durante a consulta de enfermagem deve reconhecer todas as necessidades da mulher para que sejam atendidas na sua integralidade.

#### REFERÊNCIAS

ÁLVARES, C.A; SVIDZINSKI, T.I.E; CONSOLARO, M.E.L. Candidíase vulvovaginal: fatores predisponentes do hospedeiro e virulência das leveduras. **J Bras Patol Med Lab**, Maringá, v. 5, n. 43, p.319-327, out. 2007. Disponível em: Acesso: 30 de abr. 2017.

DUARTE, S. M. S.; FARIAF. V.; MARTINS, M. O. Métodos diagnósticos para a caracterização de candidíase e papilomavírus humano. **Journal of Development**, v.5, n.10, p. 18083-18091, 2019.

FEUERSCHUETTE, O.H.M; SILVEIRA.S. K; FEUERSCHUETTE. I; CORRÊA.T; GRANDO. L; TREPANI.A. Candidíase vaginal recorrente: manejo clínico. **Feminina**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p.32-36, fev. 2010 Disponível em: < <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n1/a005.pdf>> Acesso: 30 de abr. 2017.

HARDER, T; WICHMANN.O; KLUG.S. J; VAN DER SANDE.M.A. B; WIESEPOSSELT.M. Eficácia, eficácia e segurança da vacinação contra o papilomavírus humano em homens: uma revisão sistemática. **BMC medicine**, v. 16, n. 1, p. 110, 2018.

HOLANDA, A.A.R; FERNANDES.A.C. S; BEZERRA.C.M; FERREIRA.M.A. F; HOLANDA.M.R. R; HOLANDA.J.C. P; MILAN.C.P. Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante. **Rev.Bras.Ginecol.Obstet.**29. p.1-7,2007.

HOYER, L. L.; COTA, E. Vinhetas da família de sequência semelhante à aglutinina (Als) de *Cândida albicans*: uma revisão da estrutura e função das proteínas Als. **Revista Fronteiras em microbiologia**. 7, p. 280, 2016.

LEAL, M. et al. Tratamento da candidíase vulvovaginal e novas perspectivas terapêuticas: uma revisão narrativa. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 6, n. 4, 2016.

LEAL, M.R.D; LIMA.M.C.N.P.C; KLEIN.S.O. T; GARBOGGI.P.V.S.L. Tratamento da candidíase vulvovaginal e novas perspectivas terapêuticas: Uma revisão narrativa. **Revista de pesquisa em fisioterapia**. p.1-6, 2016.

MARRA, E.; LIN, C.; CLIFFORD, G. M. Prevalência de papilomavírus humano anal tipo-específico entre homens, de acordo com a preferência sexual e o status de HIV. **O Jornal de doenças infecciosas**, v. 219, n. 4, p. 590-598, 2018.

MEDEIROS, E. Z; BLOEMER, B.; COSTA, S. C.; BOZO, A. P.; GAZOLA, C. A.; CASTRO, A. A. Candidíase vaginal: Uma breve revisão sobre prevenção e tratamentos. **Universidade de Extremo Sul Catarinense**, p,35.

OLESEN, T. B. C. Prevalência do DNA do papilomavírus humano e do câncer peniano e na neoplasia intraepitelial peniana. **The Lancet Oncology**, v. 20, n. 1, p. 145-158, 2019.

PRAMANICK, R; MAYADEO.N; ARKE.H; BEGUM.S; AICH.P; ARANHA.C. Microbiota vaginal de vaginose bacteriana assintomática e candidíase vulvovaginal: são diferentes da microbiota normal. **Revista Patogênese**, v. 4, n. 1, p. 103 599, 2019.

SENA, R. M. M. Efeitos da terapia fotodinâmica mediada por laser de emissão vermelha e azul de metileno em vaginite induzida por *Cândida albicans*. Doutorado em Ciências na Área de Tecnologia Nuclear, **Instituto de Pesquisas Nucleares da Universidade de São Paulo**: São Paulo; 2013.

SOARES, D.M; LIMA.E. O; SOARES.D.M.M; SILVA.N. F; COSTA.N.G.M; FARIA.F.S.E.D. V; RODRIGUEZ.A.F.R. Candidíase vulvovaginal: Uma revisão de literatura com abordagem para *Cândida albicans*. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research BJSCR**. Vol.25. n.1. pp.28-34 (Dez 2018 – Fev 2019).